

A EDUCAÇÃO EM NIETZSCHE: O PROFESSOR LIBERTADOR E O EDUCAR DIONÍSIACO

Célia Dias¹

Resumo: o presente artigo visa abordar a educação na obra de Nietzsche. Tem por objetivo estabelecer um paralelo da crítica de Nietzsche a educação de sua época, com as críticas que podemos fazer à educação contemporânea, dentre as quais destacamos a exagerada especialização e o excesso de leitura histórica que não vivifica a vida. Também pretende-se apontar um tipo de educação com base na filosofia nietzschiana, o qual seja, uma educação que visa criar valores, e que possibilita uma afirmação da vida. Essa proposta de educação tem por base o papel do educador em Nietzsche exposta na obra extemporânea *Schopenhauer como educador*, que representa a relação entre autoridade e liberdade para o encontro e cuidado de si. Também destacamos a filosofia dionisíaca e a arte trágica, em oposição a moral cristã e ao pessimismo da fraqueza, bem como o incentivo da cultura par além do Estado.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Criação; dionisíaco; Zarathustra.

Abstract: this paper aims to address education in Nietzsche's work in order to draw a parallel between Nietzsche's criticism of education at his time and the criticisms we can make of contemporary education, among which the exaggerated specialization and the excess of historical reading that does not vivify life. It also intends to point out a type of education based on Nietzschean philosophy which seeks to create values, and which makes an affirmation of life possible. This proposal of education is based on the role of the educator in Nietzsche that is exposed in the extemporaneous work *Schopenhauer as an educator*, which represents the relation between authority and freedom so as one can meet and find himself. Dionysian philosophy and tragic art are also highlighted, as opposed to Christian morality and the pessimism of weakness, as well as the encouragement of culture beyond the state.

Keywords: Education; Culture; Creation; Dionysiac; Zarathustra

Introdução

Não estamos buscando um projeto de educação baseados apenas na filosofia escrita nietzschiana, mas no exemplo da vida. Procuramos demonstrar que a partir desta filosofia afirmativa da vida podemos nos afastar da figura do mestre/professor no sentido de repensar a educação em seus problemas atuais, como a especialização exagerada, a repetição simplificada dos saberes em uma

¹ Aluna graduada no curso de Licenciatura em Filosofia – UFPel. E-mail: celiadias9@hotmail.com

educação que se encontra massificada e mercantilizada. Pensando em tal objetivo, somos levados a refletir sobre a educação em seu sentido amplo, na relação do professor com o aluno, bem como no sentido da formação que se impõe pelas instituições.

Quando pensamos que tipo de ser humano pretendemos formar, voltamo-nos para a concepção de Nietzsche em que os valores são criados pelo homem e isto irá desencadear importantes reflexões. Na perspectiva *nietzschiana* os valores não se encontram prontos, como entidades absolutas e imutáveis, mas sim produtos de avaliações humanas.

Em contrapartida, se concebermos os valores como entidades absolutas, iremos pressupor uma educação voltada para a manutenção de valores já existentes e não para a criação de novos valores. No pensamento de Nietzsche, a formação do indivíduo deve se dar a partir do entendimento de que cabe a ele criar os valores, não só reproduzir os já existentes.

Em sua obra *Aurora* e dando sequência também em suas obras *Além do Bem e do Mal* e *Genealogia da Moral* Nietzsche disserta sobre o valor dos valores morais. No que concerne à educação podemos indagar sobre um conjunto de valores que a ela estão inseridos, que vão além de um contexto formado pela relação aluno-professor, tanto quanto currículo e disciplina.

Segundo Nietzsche, os filósofos que o antecederam concentraram sua preocupação entre aquilo que valeria em si e o que valeria para todos. Quando se compreende o valor como algo dado não se postula a possibilidade de questionarmos a validade do mesmo. A crítica de Nietzsche se faz em relação às condições que esses valores foram criados, mas não quanto ao valor dos valores morais. Esses valores para ele sempre foram inquestionáveis.

Os valores derivam de uma avaliação e por sua vez regulam uma avaliação. Pergunta-se então de onde procede esta avaliação? Partindo desses questionamentos Nietzsche vai desenvolvendo sua *Genealogia da Moral*. Além da crítica em relação a qual o valor que está por trás dessa avaliação o autor pergunta que avaliação determina o valor desse valor. Em sua *Genealogia* Nietzsche procede a um descobrimento do que está por trás da moral fazendo uma análise de seus valores. Citando Nietzsche:

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor tem eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 2009, p. 9).

Sob essa ótica, em determinadas condições esses juízos de valor bom e mau foram inventados pelo homem. Em determinado momento Nietzsche pergunta se esses valores inventados pelo homem lhe favoreceram, se foram afirmativos da vida ou contrariamente levou ao empobrecimento.

Ainda em sua *Genealogia*, Nietzsche escreve: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deve ser colocado em questão” (NIETZSCHE, 2009, p.12) De onde provem esses valores? Quando foram criados? Como esses valores se modificaram no transcorrer da evolução da humanidade? Nietzsche estabeleceu que foram os indivíduos do tipo nobre que criaram os valores: “Desse *pathos* de distância é que tomaram para si o direito de criar valores, de cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade!” (NIETZSCHE, 2009, p.17).²

Após a criação dos valores pelas naturezas fortes e sadias, as naturezas fracas, resultantes de uma configuração de impulsos anárquica e desorganizada inverteram os valores de “Bom” e “Ruim” e “Bom” e “Mau”. A partir da perspectiva dos valores podemos criticar os valores impostos na sociedade, compreendendo a partir da filosofia dos impulsos, da organização ou não organização dos mesmos, o modo de melhor nos educarmos.

Passando para uma avaliação da educação coloca-se a possibilidade de uma reinterpretação de valores educacionais já estabelecidos. A partir de uma

² Na busca pela origem dos valores morais, Nietzsche em sua obra *A Genealogia da Moral* estabeleceu uma distinção entre nobres e fracos, ou a “Moral dos senhores” e a “Moral dos escravos”. A dita moral dos senhores se caracteriza basicamente pela afirmação da diferença, tendo como ponto de partida o sentimento de distância e da sua superioridade tanto fisiológica quanto espiritual para fazer avaliações, tomaria como critério a expansão da vida. Já a moral dos escravos ou do tipo fraco, pela sua constituição fisiológica decadente e seu senso de inferioridade, não criaria valores a partir de uma perspectiva própria, mas seria uma forma de reação aos valores nobres. Os indivíduos de tipo fraco apenas ao observar os valores afirmativos dos nobres, como reação, passariam a condenar e moralizar estes valores, constituindo a partir daí seus valores. Assim os conceitos dos nobres como “Bom” e “Ruim” passariam a ser na perspectiva dos fracos “Bem” e “Mal” ou “Bom” e “mau”. Nietzsche vai associar essa inversão dos valores nobres em valores decadentes e negadores da vida ao domínio dos sacerdotes sobre os homens, em especial a classe sacerdotal judaica. Segundo Vânia Dutra de Azeredo: “O modo de ser da aristocracia sacerdotal, com seus hábitos hostis às ações, fornece indicativos para a respectiva cisão que ocorre entre as aristocracias no modo de valorar. Inclusive seus traços não deixam de revelar traços doentios, inerentes aos sacerdotes. Inicialmente, houve uma espécie de luta travada entre a aristocracia guerreira e a sacerdotal em termos da primazia de suas avaliações e, conseqüentemente, da afirmação das respectivas morais”. (AZEREDO, 2016, p. 313). Os homens de tipo nobre utilizavam o princípio da força, da vida, enquanto a aristocracia sacerdotal, representando os homens do tipo fraco, tinham por princípio a impotência. Vincula-se a está última a união dos fracos a o instinto gregário.

Ainda sobre quem foram os responsáveis pela inversão de valores afirmativos em valores negadores da vida, Clademir Araldi explica: “Numa referência explícita a BM 195, ele confirma na *Genealogia* a sua paternidade: foram os judeus, enquanto povo de sacerdotes, os progenitores dessa inversão. Os cristãos colheram a herança disso.” (GM I, 7). (ARALDI, L.C. p.100, 2013).

visão nietzschiana questiona-se a educação em nosso contexto atual. É ela uma educação para a afirmação ou empobrecimento? Os valores postulados por essa educação propiciam ao aluno emergir de sua capacidade criadora e criativa?

Em suas reflexões sobre a educação que os jovens alemães receberam nas instituições de ensino, Nietzsche protesta contra a formação histórica dada a esses alunos que só contribuem para manter a ordem estabelecida, não permitindo aos jovens o aflorar de um novo sentido à vida. Nietzsche em sua “Segunda consideração extemporânea (“Da utilidade e desvantagem da história para a vida”)” abomina o ensino que não vivifica e afirma que o homem deve aprender a viver e só deve utilizar a história quando ela estiver a serviço da vida. Para o autor, a cultura histórica está atrelada à crença de uma representação teleológica com razão na idade média e permeia os pensamentos referentes ao juízo final.

1. A relação entre o mestre/professor e discípulo/aluno: uma educação para libertar e criar

Nietzsche começa *Schopenhauer como educador* com uma metáfora sobre um viajante, ao qual perguntaram, após ele ter percorrido muitas regiões e nações, qual a qualidade que este viajante havia encontrado em toda parte nos homens. O viajante, segundo Nietzsche, respondeu que seria a propensão a preguiça, ao que o filósofo alemão alega que muitos poderiam objetar que seria o medo, fazendo uma comparação entre as duas qualidades: ser medroso e ter preguiça.

Ao refletir sobre essa metáfora do viajante, Nietzsche faz questionamentos sobre a afirmação da existência humana. Pergunta o motivo pelo qual o homem, mesmo muitas vezes sabendo que não é único e que o acaso não vai permitir que volte a surgir este homem novamente, tal qual ele existe nesta vida do aqui e agora, deixa de fazer o que deseja e disfarça este conhecimento de si. Como resposta retoma a resposta do viajante: a preguiça. Afirma: “Ele tem razão, os homens são muito mais preguiçosos que medrosos e temem acima de tudo os aborrecimentos que uma transparência e uma lealdade absoluta lhes atrairiam.” (NIETZSCHE, 2008, p.15).

Nesse ponto Nietzsche vai contrapor esta característica dos homens em geral a figura do artista. Os artistas são aqueles que vão escapar desta má-consciência sobre si mesmo e da inércia das opiniões prontas. Diz Nietzsche: “Somente os artistas odeiam esse desleixado deixar-correr, revestido de maneiras tomadas de empréstimo e de opiniões postizas.” (NIETZSCHE, 2008, p.15). O autor então demonstra que pelo viés da arte é possível superar esta existência comum e buscar a aceitação do homem como ele é, em cada situação desta existência única. Aqui já denotamos a referência ao artista, que guiará a

concepção de cultura de Nietzsche e vai nos possibilitar refletir a educação pelo viés da arte e do trágico.

O filósofo alemão diz que quando um grande pensador está desprezando os homens, é na verdade a sua preguiça que ele despreza, pois “é ela que os faz se assemelharem a objetos fabricados em série, indiferentes, indignos de ser instruídos ou incluídos na convivência”. (NIETZSCHE, 2008, p.16).

Neste sentido, e é este nosso objetivo, podemos refletir sobre a relação da educação em Nietzsche em seu aspecto da sala de aula: da relação entre professor e aluno. Para Nietzsche, esta relação não ocorre sem conflitos, sem crítica, de modo que os alunos, assim como os homens inertes em geral, se assemelhem a objetos fabricados em série, indiferentes à vida a sua volta. O homem está inserido no mundo e é assim que deve ser considerado quando se pensa em educação. Nietzsche aborda a necessidade de se levar em conta no ato de educar, a relação do indivíduo consigo mesmo. Deve o aluno ser emancipado, buscando escutar o seu “eu interior” e escapar da massa acrítica e também renunciar essa má-consciência e o sentimento de pena de si mesmo, a sensação de autopiedade e das desculpas inconscientes. Conforme o autor:

O homem que recusa fazer parte da massa nada mais tem a fazer que renunciar a sua indulgência para consigo mesmo; que obedeça à sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tudo o que fazes, tudo o que pensas, tudo o que ambicionas agora, tudo isso não é tu’ (NIETZSCHE, 2008, p.16).

Cabe ressaltar que a ideia do “eu” interior e “consciência” em Nietzsche são termos totalmente provisórios, tendo em vista que o autor vai criticar toda noção de sujeito e consciência tal como são concebidos pela filosofia.³ Contudo,

³ Ao longo de suas obras Nietzsche vai criticar as noções de ‘consciência’ e de ‘sujeito’. Sobre a consciência para Nietzsche, Scarlett Marton afirma: “Criticando seus predecessores, Nietzsche julga que os filósofos teriam tendência a considerar o homem um ser diferente de todos os outros e a encarar a vida consciente como um conjunto de atividades que se distinguem dos processos da natureza. Em geral, eles não levariam em consideração que essa maneira de proceder abriga valores e provém, ela mesma, de uma avaliação. Superestimando a consciência, não se dariam conta de que não existe traço distintivo entre o homem e o animal. Ao contrário do que defendem a religião cristã e a metafísica, Nietzsche sustenta que consciência e corpo não se opõem, mas acham-se estreitamente vinculados. A consciência nada mais é do que “corpo” e “carne”. (MARTON, 2016, p. 157-156).

Ao que tange a noção de sujeito, Nietzsche não trata esse conceito no sentido metafísico. Como Nietzsche considera que não existe a noção de substância, logo o “sujeito” seria uma ficção reguladora que resulta dos impulsos que se revezam e estabelecem hierarquias de dominação no corpo. Nietzsche desconstrói a interpretação metafísica do sujeito no seu prefácio da obra Para Além do Bem e do Mal, onde defende que pode ter sido justamente a superstição do sujeito e do “eu”, o qual teria derivado a

vamos nos deter na ideia que ele quer passar nesses escritos iniciais, ao modo como ele critica a educação de seu tempo e a massificação dos homens, tal como podemos observar também hoje, nas escolas e nas instituições em geral que não levam em consideração a vida como critério para uma verdadeira educação. E a arte é um modo de educar que considera a vida, a educação estética se configura como a verdadeira educação.

Nietzsche chama a atenção para a necessidade de compreender os jovens na busca desta educação. A estética jovem, do espírito sedento por apreender o novo, deve ser trabalhada e redirecionada para compreender a si mesmo, para o indivíduo compreender como se dá o processo do autoconhecimento.

Toda alma jovem ouve esse apelo, dia e noite, e estremece, pois, presente a medida de felicidade que lhe é destinada desde toda a eternidade, desde que sonha no que deve ser sua verdadeira emancipação; felicidade que ninguém vai ajudá-la a conquistar enquanto permanecer nos grilhões da opinião corrente e do medo. E sem essa emancipação, como a vida pode parecer desoladora e absurda! Não existe no mundo criatura mais estúpida e mais repugnante que o homem que se furta a seu próprio gênio e que espia à direita e à esquerda, atrás e por todos os lados (NIETZSCHE, 2008, p.16).

Nietzsche reflete essas questões para chegar na relação do aluno/discípulo com seu professor/mestre. É uma relação que articula hierarquia, disciplina e respeito pela autoridade do professor, ao mesmo tempo que vincula a ideia de liberdade no sentido de que o discípulo/aluno deve ser

superstição da alma, erigindo o conceito de verdade como uma pedra fundamental de todo o edifício filosófico anterior ao autor. Segundo Luís Rubira: “Filósofo que a partir da compreensão sobre as forças e a vontade de potência busca inaugurar um raciocínio ontológico desprovido de metafísica, ele abandona a suposição de um sujeito único e trabalha com a hipótese de uma pluralidade de ‘sujeitos’, cuja combinação provisória e luta permanente constituem o próprio ‘fundamento’ dos pensamentos e da consciência humana” (RUBIRA, 2016, p.388).

Nietzsche também faz duras críticas às noções de “eu” (*Ich*). Tais noções estariam ligadas aos dogmas e preconceitos metafísicos, epistêmicos e lógicos. Advém da ideia de que o pensamento deve ter uma causa, o que leva a crer que um eu que seja esta causa, bem como a associação a uma estrutura gramatical da qual o pensamento está aprisionado, justificando essa crença do “eu”. Segundo Márcio Silveira Lima: “Com efeito, a estrutura gramatical é decisiva para que a lógica se torne dependente da noção de eu. A crença na sua existência advém do processo de abreviação e simplificação com que a linguagem formula o conceito, ou seja, opera uma redução da multiplicidade à unidade. Tal multiplicidade que caracteriza o arranjo dos impulsos e sensações no corpo é reduzida a uma unidade, sintetizada pela palavra eu. Mas esse eu não passa de uma ficção, uma simplificação da linguagem que não corresponde à efetividade dos processos interiores. (LIMA, 2016, p. 219).

livre para encontrar seu próprio caminho. O professor ou mestre deve ser o libertador, que vai estimular ao indivíduo encontrar seu eu mais profundo, aquilo que mais dificilmente temos acesso. Diz Nietzsche:

Teus verdadeiros educadores, aqueles que vão te formar, vão te revelar aquilo que resiste a toda a educação como a toda formação e, em todo caso, uma realidade dificilmente acessível, um feixe amarrado e rígido; teus educadores nada podem fazer por ti, a não ser tornar-se teus libertadores (NIETZSCHE, 2008, p. 19).

Vemos que em Nietzsche o segredo de toda formação e educação deve ser uma libertação. Uma libertação para encontrar o si mesmo, ser quem se é. Para isso o aluno deve procurar afastar-se do seu mestre/professor. O professor no sentido nietzschiano não quer alunos ou discípulos no sentido convencional, não quer que o imitem, como fazem a maioria dos chamados “mestres”. A relação de Nietzsche com Schopenhauer em sua obra *Schopenhauer como educador* reflete esse ideal de formador nietzschiano. Nietzsche não encontrou Schopenhauer e nem assumiu totalmente sua filosofia. Pelo contrário, buscou subvertê-la no decorrer de suas obras. É importante destacar que Nietzsche não conheceu nem pessoalmente Schopenhauer. Mesmo sem ter estabelecido um contato direto com ele, Nietzsche o adotou como modelo do genuíno educador.⁴

Nietzsche valoriza a autonomia e independência como traço fundamental do mestre-filósofo, o que ele viu de certa forma em Schopenhauer. Em virtude de tal autonomia, o mestre/professor poderá arrogar-se a condição de um genuíno crítico do seu tempo, de sua época. Para ressaltar essa relação do mestre/professor com seus alunos vale analisar o que Nietzsche fala em *Assim*

⁴ O filósofo Arthur Schopenhauer fez uma profunda crítica às instituições universitárias de sua época. Para este autor, as universidades apenas servem aos objetivos do Estado, sua única função seria corroborar e divulgar as teses da religião oficial: “[...] enquanto a Igreja existir, só poderá ser ensinada nas universidades uma filosofia que, composta em total consideração para com a religião do Estado, caminha, no essencial, paralelamente a ela, e que, portanto, [...] de fato nada mais seja, no fundo e no principal, que uma paráfrase e uma apologia da religião do Estado.” (SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a filosofia universitária. Tradução Maria Lúcia Melo Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 6).

Falava Zaratustra. Na passagem “*Da virtude dadivosa*” Nietzsche através de seu personagem protagonista afirma:

Agora prossigo só, meus discípulos! Ide vós também agora, sozinhos! Assim desejo eu. Em verdade, eu vos aconselho: afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! Mais ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado. O homem do conhecimento deve não apenas poder amar seus inimigos, mas também odiar seus amigos. Retribuímos mal a um professor, se continuamos apenas aluno. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa? (NIETZSCHE, 2018, p.74)

A partir daí Nietzsche vai prosseguir suas reflexões sobre a criação dos valores afirmativos e a necessidade de afastamento do mestre ou professor, sem com isso deixar de manifestar a valorização dada a figura dos modelos afirmativos, sejam eles filósofos, personagens como Zaratustra ou o deus mitológico Dioniso, que é outro exemplo para Nietzsche de uma filosofia que deve substituir a filosofia cristã ocidental.

Nietzsche então propõe uma tensão entre a busca de inspiração nos modelos e a imitação, está no sentido criativo. Ao mesmo tempo que ele critica uma imitação simples e medíocre dos mestres e professores, também busca estabelecer modelos para a educação. Nietzsche está na contramão de uma tendência que busca dar autonomia total aos educandos, o que contribui para uma ausência total de valores. O autor busca pensar a educação por meio da figura viva do mestre, por meio de seu exemplo pessoal. Como diz Jorge Larrosa: “Os mestres ou guias são modelos que devem ser criativamente imitados – não como seres cujos atos o educando deve reproduzir, mas como “pretextos” para que ele experimente a si mesmo”. (LARROSA, 2002, p.77).

Porém, para Nietzsche, a educação de seu tempo – e poderíamos dizer que também a nossa educação – está cada vez mais longe deste tipo de educar libertador e desta imitação criativa. Ela instiga o espírito de rebanho e torna o homem obediente e incapaz de criar. O homem assim educado apenas imita e consome o que vem pronto e imposto. Não critica e não cria novos valores.

Para Nietzsche a educação autêntica é uma atividade constante de construção de si mesmo. Para isso Nietzsche buscava um exemplo, um iniciador da educação para si mesmo ou um exemplo de um modo de viver. O valor para Nietzsche não estaria no conhecimento em si fornecido, mas antes de tudo, no modo de vida ou de existência sugerido. A educação para o filósofo alemão deve ser mais do que a educação livresca, formadores de eruditos, mas sim um processo de transformação e de superação da cultura vigente.

2. Por uma educação dionisiaca

“Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria antes ser um sátiro a ser um santo”. (NIETZSCHE, 2008, p. 15). Desse modo Nietzsche se apresenta no prólogo de *Ecce Homo*, sua autobiografia.

No *Nascimento da Tragédia*, Nietzsche contrapõe ao apolíneo o espírito dionisiaco. Assim como Apolo, o deus da bela forma e da individuação vai permitir a manifestação de Dioniso, este último, deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilita a expressão de Apolo. Com Dioniso, Nietzsche reivindica a necessidade de destruição e criação, mudança e vir-a-ser. Conforme aponta Scarlett Marton:

“Destruir e construir constituem momentos de um mesmo desenrolar, movimentos de um mesmo processo. Ao evocar o nome de Dioniso para autodefinir-se, Nietzsche reclama que se leve em conta a relação intrínseca entre eles (MARTON, 2016, p. 189).

A reflexão tardia de Nietzsche sobre Dioniso é pensada a partir da teoria das forças, do conceito de vontade de potência e do pensamento do eterno retorno do mesmo. Em certa medida, o próprio mundo seria um espelho do dionisiaco em seu eterno criar-se e destruir-se a si próprio. Em certo ponto Nietzsche aproxima Zarathustra e Dioniso.

A partir da elaboração de *Assim Falava Zarathustra*, Nietzsche passou a conferir ao deus grego outro destaque, ao incorporar a vertente positiva de sua filosofia ocasionando a ruptura com a tradição, e mesmo com aspectos da filosofia de Schopenhauer, aderindo ao *phatos* dionisiaco. A partir de então, a figura de Dioniso terá destaque ao guiar sua filosofia, com mais força do que foi colocado na obra *O Nascimento da tragédia*. Comentando sobre *Assim Falava Zarathustra* em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma:

Essa obra ocupa lugar à parte. Deixemos os poetas de lado: talvez nunca se tenha feito nada a partir de uma tal profusão de energia. Meu conceito de “dionisiaco” tornou-se ali ato supremo; por ele medido, todo o restante fazer humano aparece como pobre e limitado (NIETZSCHE, 2005, p. 85).

Podemos relacionar a expressão do fenômeno dionisiaco na obra *Assim falava Zarathustra* através da dança. Nietzsche atribui à dança um elemento

significativo ao homem. Em seu pensamento personificado na figura de “*Zaratustra, o dançarino*”, a dança na filosofia nietzschiana estão interligados à música, que o filósofo considera a arte mais importante para a vida. Por meio dos movimentos expressivos do corpo, a dança nos permite na realidade, afirmar, superar, recriar a vida, transvalorando os valores vigentes no interior de uma cultura, pois ele diz “um corpo mais elevado deves criar, um primeiro movimento, uma roda que gire por si mesma – um criador deves tu criar”.

De modo peculiar, na dança Zaratustra tem a percepção única do mundo sensível. Ele dança com o corpo saltando com os pés na e sobre a terra. Em outras palavras, a arte da dança transpõe os limites do humano e abre para a dimensão estética de uma justificação da existência ligada ao sentido da terra.

Diz o filósofo: “eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar”. O homem na perspectiva nietzschiana é um ser incompleto que deve ser superado, e essa perspectiva emerge do caráter de espontaneidade corporal ligado ao querer do deus Dionísio. A dança na filosofia nietzschiana afasta o eu enquanto um produto da metafísica e abre para a dimensão do conhecimento do “Si-mesmo” corporal. No que tange aqui a relação com Dionísio, Marton afirma:

Não causa surpresa que Nietzsche se diga “um discípulo do filósofo Dioniso” (Ecce Homo, Prólogo, 2). Ele reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser; reclama o processo permanente de aniquilamento e criação. Quer afirmar este mundo tal como ele é, “esse mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio e do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu para além de bem e mal” (fragmento póstumo 38 [12] de junho/julho de 1885). Quer afirmar esta vida tal como ela é, interpretando seu caráter efêmero “como gozo da força criadora e destruidora, como criação contínua” (fragmento póstumo 2 [106] do outono de 1885/ outono de 1886). (MARTON, 2000, p. 53).

A autora ainda busca a relação de Dionísio com Shiva. Este último é o criador mitológico do yôga, é um sábio que viveu a mais de 5 mil anos na Índia Antiga, num povo chamado de Drávida e que posteriormente entrou para a mitologia hindu, após a invasão dos Áryas. No contexto da mitologia, Shiva faz parte da trindade hindu, o qual seja, Brahma, Vishnu e Shiva, sendo este chamado o “transformador” ou o “destruidor”, pois através do pequeno tambor que ele carrega, chamado Damarú, ele marca o ritmo do universo e com sua dança promove a transformação, que só ocorre através da destruição. Consideramos aqui o yôga enquanto uma filosofia prática que tem como fim

último levar o praticante a expansão da consciência (que em sânscrito é chamado de *samādhi*), e como consequência, ou efeitos secundários, uma melhor qualidade de vida do praticante desta filosofia. Nessa filosofia, o indivíduo através das técnicas desenvolverá um equilíbrio e uma melhor saúde orgânica, emocional e mental, com administração do stress, aumento da capacidade respiratória, aumento do sistema imunológico, melhora na capacidade do sono e da memória, dentre tantos outros. Sobre a relação de Shiva e Dioniso, Scarlett afirma:

Comparável a Shiva, o Benevolente, mas também o Terrível, Dioniso ao mesmo tempo cria e destrói. Semelhante a Shiva Nataraja, o rei da dança do Tandava, é dançando que se aniquila e constrói. Não é, pois, por acaso que Nietzsche/ Zaratustra confessa: “Eu só acreditaria num deus que soubesse dançar. (...) Aprendi a caminhar; desde então, corro à vontade. Aprendi a voar; desde então, não quero que me empurrem, para sair do lugar. Agora estou leve; agora voou; agora vejo-me debaixo de mim mesmo; agora um deus dança por meu intermédio” (Assim falava Zaratustra I, “Do ler e escrever”). (MARTON, 2000, p. 53).

Retornando ao tema da educação e a relação com Dioniso, percebemos a importância da dança e de todo simbolismo que ela nos remete. A educação que podemos extrair do filósofo Dioniso leva ao indivíduo tornar-se o que se é nietzschiano, ou mesmo uma alusão do que Nietzsche entende por torna-se um espírito-livre, aquele que é criador. A junção música e dança leva a existência para a fruição dos afetos, o improvisado e a embriaguez causada pelos constantes estímulos do corpo-dançante. Nietzsche pronuncia em *A Gaia Ciência*:

Pode-se imaginar um prazer e força da autodeterminação, uma liberdade da vontade, em que um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, exercitado, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas e possibilidades, e mesmo diante de abismos dançar ainda. Um tal espírito seria o espírito livre *par excellence*. (NIETZSCHE, 2012, p. 215).

Em Nietzsche a compreensão estética do mundo possibilitaria desvencilhar-se da moral em *O Nascimento da Tragédia*, e será a sua compreensão ética que permitirá dissolver a moral da responsabilidade, da auto-renúncia e do sacrifício de si para possibilitar a aceitação e afirmação da vida enquanto uma atitude ética, tudo isso a partir de *Assim Falava Zaratustra*. A dimensão estética associada ao trágico em Nietzsche permite então a criação e uma nova ética, uma

ética da afirmação incondicional da vida, sendo ela guiada pelo deus ou filósofo Dioniso. Conforme aponta Azeredo: “Consideramos a dimensão do trágico como caminho que conduz ao ético enquanto revê o sentido do Dionisiaco e, com isso, suporta a construção de uma visão ética” (AZEREDO, 2005, p. 83).

Entendemos o trágico em Nietzsche mediante a proposição do caráter irrestrito de afirmação da vida. Como diz Nietzsche:

“O dizer sim à vida mesma ainda em seus problemas mais duros e estranho; a vontade de vida, alegrando-se da própria inescapabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isto chamei de dionisiaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga – assim o entendeu mal Aristóteles –, mas para, além do pavor da compaixão, ser em si também o prazer no destruir...” Nesse sentido tenho o direito de considerar-me o primeiro filósofo trágico – ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista. (NIETZSCHE, 2008, p.61).

No trágico, Nietzsche incorpora o problema da existência no sentido político. E o vir-a-ser, o criar e o destruir que deve ser compreendido, isto faz necessário compreender e assimilar tanto as belezas como os horrores da vida e da condição humana. Denota-se então a importância de uma educação no sentido trágico. Como o próprio Nietzsche afirmou no seu *Ecce Homo* referindo ao *Nascimento da Tragédia*, ele não é pessimista, mas o seu oposto, e o trágico em Nietzsche tem este sentido. Trágico no sentido dionisiaco é para Nietzsche a oposição ao pessimismo. O próprio Nietzsche aponta a ligação entre o trágico e Dioniso:

Em que pese a proliferação de interrogações acerca dos Gregos, da tragédia, da dor, do pessimismo, etc., que o parágrafo concentra, há um elo entre compreensão do trágico, através de Dionísio, que permite suplantar a moral (AZEREDO, 2005, p. 87).

Na própria avaliação de Nietzsche, ao propor uma metafísica do artista em *O Nascimento da Tragédia*, ele termina por criar uma contravaloração, que afirma a vida e nega a vigência da moral. A partir de então, toda filosofia nietzschiana será uma oposição aos valores morais vigentes, sempre questionando os valores estabelecidos. Com Dioniso, seja como deus, ou como

seu “filósofo”, Nietzsche vai propor sempre uma filosofia e uma educação que busque o sentido mais amplo da cultura, o sentido de uma cultura que afirme a vida. Toda educação que não tenha o critério da vida, da sua afirmação, deve ser questionada. A vida se estabelece como critério, e definimos o que é importante de acordo com a afirmação ou negação da vida. Desse modo, se a educação, assim como a moral vigente no ocidente cristão, não afirmar, mas negar a vida, logo deve ser transvalorada. Esse é o mais profundo ensinamento do filósofo Dioniso, da qual Nietzsche lança mão em sua filosofia da afirmação da existência.

3. Reflexões sobre a cultura e a educação

Em seus escritos “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” (1872) Nietzsche percebe que no sistema educacional de sua época os negociantes, assim como o Estado são os primeiros a contribuir para a defasagem da cultura, não permitindo que o jovem possa ter uma formação lenta e madura, tendo como fim último “o conhecer-se, formar-se”, gerir-se como indivíduo.

Percebemos que ao invés de uma preocupação do nosso sistema educacional com essa lenta formação do jovem estudante, espera-se uma rápida formação com o objetivo de formar indivíduos aptos a ganhar dinheiro, funcionários públicos eficientes e sem senso crítico. Para Nietzsche a cultura e a educação deveriam estar a serviço da vida. Ele entende a necessidade de instituições voltados para a educação tanto do corpo quanto do espírito do indivíduo, estimulando a cultivar-se.

Quando temos como meta em nosso modelo de ensino saberes voltados para uma formação técnica ou o preparo do aluno para ingressar em uma universidade nos perguntamos sobre a validade dessa educação para uma melhor abertura em sua vida prática, uma visão crítica e uma vida afirmativa. Estamos estimulando neles seus impulsos criadores?

Ao lidarmos com nossos alunos tendo como base valores, interesses e capacidades comuns excluimos as diferentes aptidões e talentos que lhe são próprios. Nietzsche propunha uma educação além da formalidade. O pensar e o filosofar é um eterno criar, recriar, reconstruir-se. Como filólogo, Nietzsche compreendia a importância de uma leitura silenciosa e concentrada e com uma interpretação intensa.

Fazendo uma analogia com a educação contemporânea vemos que essa preocupação de Nietzsche com essa superficialidade e essa inquietude é ainda muito mais intensa com o advento da tecnologia, a facilidade ao acesso de

respostas rápidas estimula esse aluno a não buscar uma compreensão e análise mais profunda dos saberes.

Os valores que estão presentes na nossa sociedade inevitavelmente serão refletidos na educação escolar. O mesmo se deu na modernidade e com isso vemos em Nietzsche uma crítica aos valores do ocidente, valores esses oriundos de uma moral cristã. Mesmo que, a partir da Idade Moderna uma cultura científica passe a predominar, esta se dá objetivando o homem como detentor de um poder e domínio sobre a natureza sem uma preocupação com uma cultura estética mediadora de valores existenciais.

É através da Estética que Nietzsche propõe um pensar mais livre, buscando responder questões da vida. Nietzsche faz referência à cultura dos Gregos como um modelo de cultura Estética, através de sua época trágica. Nesse modo de cultura existe para Nietzsche o solo fértil para uma vida afirmativa. O filósofo busca responder questões da vida através da arte e da literatura.

Inspirando-se no modelo Grego de educação é que Nietzsche avalia a necessidade de um contato amplo com as línguas clássicas, a pedagogia Grega associada às experiências de vida dos indivíduos. Dessa forma, educação e cultura devem estar vinculadas à vida, assim como o estudo da Filosofia, a qual deve estar vinculada à vida. Vemos então que para ele, o fim último do ensino não é a erudição para o Filósofo. Cultura consiste em uma liberdade interna, cultivando o próprio espírito.

Pensando em nossa época nos perguntamos como enfrentarmos todo o aparato tecnológico, esse acesso imediato de informações em que incita também no indivíduo respostas rápidas e superficiais? Podemos formar indivíduos autônomos, criadores, livres pensadores? Como estimular nesse indivíduo uma força afirmativa de vida?

O que verificamos hoje é uma "industrialização" dos nossos saberes, do nosso pensar. Essas novas tecnologias de conhecimento, a possibilidade de informações rápidas pode propiciar ao aluno em formação uma individualização, uma autonomia no pensar, competências para gerir suas vidas e fazer suas escolhas, além de pensar uma educação voltada apenas para políticas públicas com benefícios unicamente econômicos?

Vemos na dita cibercultura uma possibilidade de uma cultura voltada para a estética, formadora de indivíduos livres e criativos? Nos perguntamos se em uma época em que o individualismo é visto como algo natural e até mesmo estimulado, pode esse indivíduo produzir, por si só, novos valores? Nosso modelo atual de produção de saberes possibilita a formação de pessoas críticas

e livres? Em meio à decadência da cultura Europeia, ao niilismo⁵, Nietzsche busca uma saída para a crise. Ele desconstrói a metafísica, anunciando a morte de Deus⁶ e com ela toda uma moral judaico-cristã, baseada em valores de “tu deves”. Com essa desconstrução da metafísica, Nietzsche desconstrói também o racionalismo advindo desde Platão, fazendo uma substituição de um ideal metafísico do apolíneo para o dionisíaco. Dessa forma ele transfere ao homem a responsabilidade e possibilidade de constituir-se e autocriar-se.

O que vemos em nossas escolas é uma educação de massas, desconsiderando diferenças e individualidades, impondo o mesmo para todos. Dessa forma estamos impedindo que outras configurações de impulsos apareçam. Permitindo apenas uma única configuração de impulsos estamos cristalizando um erro que tem sua origem no Cristianismo.

Do mesmo modo, uma educação que privilegie sempre um determinado tipo levará a estagnação de uma cultura. Dessa forma também a especialização impede o surgimento de outras possibilidades. A educação que Nietzsche deseja não é dada pelos especialistas ou eruditos, pois:

No livro de um erudito há quase sempre algo de opressivo, oprimido: em toda a parte transpira o “especialista”, seu zelo, sua gravidade, sua ira, todo especialista tem uma corcunda. Um livro erudito sempre reflete também uma alma entortada: todo ofício entorta (NIETZSCHE, 2012, p. 241).

⁵ O conceito Nietzscheano de niilismo é elaborado juntamente com a crítica de Nietzsche à moral. O movimento do niilismo está ligado à história moral do ocidente, um tipo de moral que triunfou no ocidente e que, como já foi exposto, é a chamada moral dos escravos. Somente o pensamento do eterno retorno pode distinguir as vidas afirmativas das vidas niilistas. Considerando que no pensamento do eterno retorno tudo deve retornar eternamente, o homem niilista tende a interpretar isto como a forma mais extrema do niilismo. Já o homem afirmativo entende este eterno retorno como a forma suprema de afirmação da existência. Ainda sobre o niilismo, Clademir Araldi explica: “Com isso, podem ser encontradas três formas principais de manifestação do niilismo na obra tardia de Nietzsche: o niilismo incompleto, o niilismo completo e o niilismo extremo.” (ARALDI, 2016, p. 327) E o autor vai diferenciar as três formas do niilismo.

⁶ A morte de Deus, segundo Nietzsche, constitui-se na morte do universalismo, o que é necessário à afirmação da vida, uma vez que nele se sustentam todos os valores morais que impedem o vir-a-ser, o constituir-se, o ter-se nas mãos”. (Leituras sobre Nietzsche e a educação – Clenio Lago pg 22 Sobre o devir em Nietzsche: Uma provocativa. – Altair Alberto Fávero; Clenio Lago). Em uma citação de *A Gaia Ciência*: “Para onde foi Deus? [...] Nós o matamos – Você e eu. Somos todos assassinos [...]. O mais forte e o mais sagrado que o mundo até então possuía. Sangrou inteiro sob os nossos punhais [...] nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” (NIETZSCHE, 2005, p 148).

É também o que constatamos em nossa sociedade, onde as redes sociais encarceram o livre pensar, criando uma moral de rebanho onde poucos se sentem encorajados a manterem-se originais em suas ideias. Através de uma cultura de excessivas exposições pessoais, onde poucos ousam mostrarem-se ser o que são, a busca pela aceitação como caminho para a felicidade mostra-se ineficaz. Dessa forma, vemos gerações inteiras seguindo verdades que lhes chegam prontas e valoradas por uma sociedade culturalmente decadente. O “eu quero” do homem livre e senhor de si é substituído pelo “eu devo” de uma cultura de massas que impõe valores pré-estabelecidos.

Perguntamos, mais uma vez, se, como educadores estamos desempenhando um papel ativo para a construção desses novos valores. Qual papel estamos desempenhando nas salas de aula? De formadores de alunos críticos ou mantenedores de valores? Críticos, ativos, ou passivos, conformados e conformistas? Estamos preocupados em, além do preparo desses jovens para uma vida profissional, também com uma formação autêntica, estimulando as tendências de cada um? Favorecemos questionamentos sobre o sentido e o valor da vida de nossos alunos?

Vemos refletidos na educação escolar os valores predominantes da cultura e da sociedade. Em nosso tempo predomina a educação para a ciência. Com a ânsia de dominar a natureza o homem perde sua relação com valores estéticos para a existência do indivíduo.

No projeto educacional de Nietzsche, mostra-se a necessidade de proporcionar ao jovem, através da educação e da cultura, a afirmação a vida. Segundo o filósofo, o Estado, a religião, a economia, sendo valores tradicionais da moral, reduzem a liberdade de formação do indivíduo. Em sua crítica à cultura racional do ocidente, cujas bases se dão em valores antinaturais, o homem fica limitado em sua relação natural com seus instintos. Dessa forma não podendo desenvolver-se no homem suas características afirmativas e autônomas.

Considerações finais

Concluimos que, assim como o observado por Nietzsche em sua época, também hoje a educação e a cultura estão a serviço do Estado e uma sociedade que busca manter valores já existentes tanto no contexto social como político. Entendemos que, como educadores, não estamos propiciando aos alunos tornarem-se indivíduos livres e reflexivos. Tão pouco os tornamos aptos à criação de novos valores e com eles a possibilidade de uma transformação social. Nem mesmo estimulando e respeitando suas individualidades e diferentes aptidões. Entendemos que a crescente especialização como ocorrera no tempo

de Nietzsche se faz presente em nossos dias e com isso a formação de profissionais limitados em seus saberes e suas áreas de atuação.

Entendemos, como educadores, sermos responsáveis por propiciar ao jovem a capacidade e coragem de “tornar-se” o que se é. Mas isto não deve ser entendido como tornar-se algo que é pré-determinado, fixo, mas algo que se constrói e destrói; o vir-a-ser na dinâmica de nossa relação com o mundo e principalmente com nós próprios.

Referências Bibliográficas

ARALDI, Clademir Luís. **A vontade de potência e a naturalização da moral**. Cadernos Nietzsche 30, pág. 101, 2012.

_____. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche 5, p. 75-94, 1998.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Falando de Nietzsche**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. **Nietzsche e a alegria do trágico**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 1991.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. Fisiopsicologia (Physio-Psychologie). In. MARTON, Scarlett (Org). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas. Série GEN - Grupos de Estudos Nietzsche).

_____. Instinto (Instinkt). In. MARTON, Scarlett (Org). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas. Série GEN - Grupos de Estudos Nietzsche).

ITAPARICA, André Luís Mota. Impulso (Trieb). In. MARTON, Scarlett (Org). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas. Série GEN - Grupos de Estudos Nietzsche).

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias. Ensaios sobre a Filosofia de Nietzsche**. 2ª. Ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2001. (Coleção Sendas & Veredas).

_____. A dança desenfreada da vida. In. **Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**, 2001, p.41).

_____. (Org). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas. Série GEN - Grupos de Estudos Nietzsche).

_____. Nietzsche: consciência e inconsciente. In. **Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**, 2001, p.171).

NIETZSCHE, Friderich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003.

_____. **Escritos sobre educação: conferências sobre os nossos estabelecimentos de ensino. III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador**. Tradução Noeli Correa de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola/PUC, 2004.

_____. **O Nascimento da tragédia**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. **Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **Assim Falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. **Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Genealogia da Moral. Uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos. Ou como se filosofa com o martelo.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

_____. **O Caso Wagner e Nietzsche contra Wagner.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

_____. **Fragmentos Póstumos 1887-1889.** Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A Genealogia de Nietzsche.** Curitiba: Editora Champagnat, 2003.